



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO-CAMPUS XIV
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HAB. EM RÁDIO E TV**

**FERNANDA DA SILVA PEREIRA VIEIRA
LAÍS SOUZA OLIVEIRA**

**PRESERVAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS DE SERRINHA:
“O BAILE DE DEUS MENINO”**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2018**

**FERNANDA DA SILVA PEREIRA VIEIRA
LAÍS SOUZA OLIVEIRA**

**PRESERVAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS DE SERRINHA:
“O BAILE DE DEUS MENINO”**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, Universidade do Estado da Bahia/Campus XIV, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social, sob orientação do Professor Mauricio Amorim.

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2018

**FERNANDA DA SILVA PEREIRA VIEIRA
LAÍS SOUZA OLIVEIRA**

**PRESERVAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS DE SERRINHA:
“O BAILE DE DEUS MENINO”**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, Universidade do Estado da Bahia/Campus XIV, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social, sob orientação do Professor Mauricio Amorim.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Orientador) Maurício José Souza Amorim

Assinatura _____

Prof.^a Ma. Sophia Midian Bagues dos Santos

Assinatura _____

Prof.^a Vera da Silva Rocha

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradecemos a Deus por nos permitir passar por este processo e vivenciar, mesmo em meio às dificuldades, a realização deste trabalho.

Agradecemos também aos nossos familiares pela paciência conosco nos momentos mais angustiantes e de maneira especial, aos nossos amigos, que contribuíram direta e indiretamente.

Aqui, não podemos deixar de agradecer a nossa parceira Érica Barreto, que por motivos de saúde teve que se ausentar da produção, gratidão pela colaboração no tempo em que esteve conosco, você foi fundamental.

Aos protagonistas dessa história, colaboradores, professores da UNEB, funcionários e orientador, nossa eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma abordagem sobre os efeitos que as novas formas de produzir e consumir cultura causam nos pequenos grupos culturais. Como objeto de pesquisa será utilizado o Presépio ou Baile de Deus Menino, uma representação cultural que há muito tempo foi realizada no Povoado de Mato Grosso, município de Serrinha – BA, e que atualmente encontra-se em um processo de esquecimento. Para tanto, há uma sustentação teórica que consiste em compreender como as inovações tecnológicas e culturais afetam esses grupos que não se adaptam. Por se tratar de um produto experimental de comunicação, foi utilizado como suporte um Vídeo documentário, que objetiva retratar a realidade do Presépio, no qual os personagens relatam, através de entrevistas, a dificuldade de manter essa tradição viva, além de promover a dança mostrando suas características e relevância para a região. Este trabalho de conclusão tem a finalidade de expandir conhecimentos e experiências, vivenciados por aqueles que mantêm essa cultura, para os jovens e demais pessoas do Território do Sisal podendo contribuir com o fortalecimento desses grupos em meio às inovações e apresentando novas formas de adequação.

Palavras-Chaves: Cultura; cultura popular; Presépio; resgate.

ABSTRACT

The present work presents an approach on the effects that the new forms of producing and consuming culture cause in the small cultural groups. As research object will be used the Presépio or Baile de Deus boy, a cultural representation that has long been held in the town of Mato Grosso, municipality of Serrinha - BA, and is currently in a process of forgetfulness. To that end, there is a theoretical support that consists of understanding how technological and cultural innovations affect those groups that do not adapt. Because it is an experimental product of communication, the documentary Video was used as a support, which aims to portray the reality of the Crib, in which the characters report, through interviews, the difficulty of keeping this tradition alive, in addition to promoting the dance showing its characteristics and relevance to the region. This conclusion work has the purpose of expanding knowledge and experiences, experienced by those who maintain this culture, to the youth and other people of the Territory of Sisal and can contribute to the strengthening of these groups amid the innovations and presenting new forms of adaptation.

Key words: Culture; popular culture; Crib; rescue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. CULTURA E TRADIÇÃO: DO ANTEPASSADO AO MODERNO.....	13
1.1 O Popular como Formação da Cultura.....	17
1.2 Cultura da Convergência e os Desafios aos Pequenos Grupos.....	21
1.3 O Presépio e suas Especificidades em Relação à Contemporaneidade.....	23
2. MUDIATIZAÇÃO E VISIBILIDADE.....	25
3. REALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO.....	27
3.1 Pré-produção.....	27
3.2 Produção.....	31
3.3 Pós-produção.....	33
4. CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Toda região possui suas peculiaridades e no Brasil existe uma diversidade de culturas populares completamente ricas de significados baseados em suas vivências e com formas de utilização de linguagens e palavras diferentes.

No caso do objeto de estudo desse trabalho, o PRESÉPIO, trata-se de uma dança popular de uma região específica. Na maior parte do país, é a ornamentação natalina que representa o nascimento de Jesus, com personagens em bonecos confeccionados geralmente em barro, vários enfeites e luzes de natal, porém em Serrinha, interior da Bahia, essa decoração é conhecida e identificada por grande parte da população como “lapinha”, assim especificamente nessa região o presépio é uma dança e a lapinha é a decoração do cenário que representa o nascimento do menino Jesus.

Não se sabe exatamente quem criou ou quando ocorreu o início dessa representação cultural na região, trata-se de uma tradição que é viva ainda nos dias atuais através de memórias e histórias contadas pelos mais velhos. O que se percebe é que é uma tradição que sempre foi muito forte e que ainda hoje em tempos de informações imediatas e essa ruptura das barreiras do regional através da internet, nota-se que ainda os jovens mantêm essa cultura da linguagem própria. Independente da região da qual se fala, a palavra presépio representa em sua essência algo referente ao tempo natalino, referente ao nascimento do menino Jesus, termos relacionados a histórias bíblicas e religiosas.

O Presépio do Povoado do Mato Grosso tem como principal objetivo homenagear o nascimento do menino Jesus, através de cantigas e representações de dança formadas por grupos de 12 meninas (as pastorinhas) e dois meninos (os pastores), que vestidos de branco com uma fita vermelha envolta do corpo e chapéu de papel, palha e *festões*¹ coloridos, recitam versos entre as estrofes das cantigas durante toda a noite, seguidos por instrumentos como triângulo, sanfona e pandeiro, além de alguns personagens que aparecem em momentos específicos. Essa representação, durante muitos anos, foi uma grande festa para a região, na qual reunia centenas de pessoas, maioria jovens que se interessavam em fazer parte do

¹ arq decor ramalhete de flores e folhagens entrelaçadas com fitas em um cordão que fica suspenso pelas extremidades, us. ger. em ornamentação de fachadas e recintos; grinalda. (HOUAISS. 2001)

grupo, assim levando uma tradição, que tem mais de cinquenta anos, a ser passada de pais para filhos.

À medida em que o tempo passa, podemos observar como as coisas mudam, e junto a elas muitas representações culturais acabam sendo esquecidas por não estarem em permanente processo de adaptação. Mudar algo que tem um significado, sem alterar a sua essência, pode ser uma forma de descaracterização de algo tão simbólico, o que pode ser feito para resgatar representações culturais que estão sendo apagadas pelo tempo e tecnologias é uma adaptação sem a perda da essência. Um dos objetivos desta pesquisa é compreender as principais características do Presépio, estudando sua simbologia, para a devida compreensão do que de fato está levando este costume ao seu desaparecimento.

Para compreender um pouco mais sobre uma representação e poder aprofundar os conhecimentos em relação a mesma, essa pesquisa começará com os significados literais de “Tradição”, que é uma palavra com origem no termo em latim *traditio*, que significa "entregar" ou "passar adiante". A tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. E de “Cultura”, que significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Partindo das definições acima, serão aprofundados conceitos mais específicos envolvendo o tema de estudos do presente trabalho para dar sustentação teórica à pesquisa.

O primeiro pensamento utilizado é o de Canclini (1983), na obra que trata das culturas populares em relação ao capitalismo e suas estruturas de produção cultural formada por organizações de dominações cotidianas delimitando as definições do popular e transformando-os por necessidade do consumo. Partindo daí para as *Culturas híbridas* (2008), ainda do autor, que podemos compreender como as barreiras rompidas entre o tradicional e o moderno.

Pretende-se, também, utilizar obras como *Folkcomunicação* (2013) de Luiz Beltrão e pensamento de Bauman (2001) que diz que a cultura está sendo modificada graças aos indivíduos da modernidade líquida. Partindo para os

conceitos de Etnocentrismo (2006) de Ismar Filho, até conceitos da atualidade, como Cultura da Convergência (2009), de Jenkins que trata da junção dos meios, participação e coletividade, tratando da fluidez de informações e ruptura do tempo/espço e sobre meios e mediações de Martin-Barbero (1997), que vai além, buscando compreender os conceitos de folclore em relação a todos o contexto dessa modernidade e convergência que vem provocando mudanças em todo o sistema.

Outro pensamento que será utilizado é o de Hortélio (2011), com a teoria específica voltada a educação infantil, que realizou um trabalho sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, em um livro que registrou o momento do Presépio no ano de 1969 e conta um pouco da história dessa representação, no qual a autora faz um trabalho com crianças e adolescentes nas escolas, mostrando e recriando a representação junto a eles, dando-lhes conhecimentos específicos.

Ao entender que a visibilidade pode servir como forma de manter o interesse das novas gerações da região e será uma ferramenta de perceptibilidade futura, será produzido um documentário de modo participativo, com aproximadamente 27 minutos, no qual terá uma narrativa voltada ao contexto histórico e será colocado o Presépio desde os tempos de sua criação até os dias atuais, contando com depoimentos dos organizadores, participantes e moradores da região, arquivos pessoais, análises específicas em relação as características estéticas e sociais, e entrevistas com especialistas sobre cultura. Com uma linguagem moderna e atual, o produto contará com o processo de produção, mostrando ensaios, criação de símbolos, figurinos e partes da apresentação do Presépio.

Retratar uma forma de arte com características tão distintas do contexto atual exige uma linguagem mais moderna e descontraída possível, além do apelo emocional, já que se quer chegar principalmente aos jovens atuais. Assim sendo, o modo participativo com sua forma de “cinema verdade” (Nichols, 2005, pg. 155), poderá tornar-se um meio de introduzir um diálogo direto com o grupo em questão.

O objetivo é registrar a dança do presépio em sua essência, analisando suas características tanto estéticas quanto religiosas/simbólicas em relação a atualidade, além de depoimentos dos antigos e atuais participantes, no qual serão expostos quais os fatores que estão levando os jovens a não ter interesse em fazer parte do

presépio, buscando compreender como esses fatores estão ligados ao seu enfraquecimento, comparando com o que atrai o interesse dos jovens atualmente. Buscando, através de histórias de antigos participantes, formas de compreender o que gerou atração para participarem em suas respectivas épocas e, por fim, conhecer os jovens da região, ouvir deles o que tem a dizer sobre essa representação, e o porquê de não quererem participar.

Sabendo que toda sociedade é formada através de sua história e suas raízes familiares e culturais que criam estruturas de comunidade e convívio social embasadas em fatos vividos, à medida que essas culturas são encobertas por outros fatores externos e acabam caindo no esquecimento, a comunidade perde sua raiz, desgarrando-se da sua história e fazendo parte de uma comunidade geral formada pela indústria cultural. Esses fatores provocam um aglomerado de mudanças essenciais a existência de pequenos grupos, dessa maneira, torna-se longa e dificultosa a luta para manter “viva” suas características individuais, além de se tornar obrigada a fazer parte do que está sendo ditado pelas grandes mídias que seduzem, a todo instante, a massa, fazendo modificações ou, simplesmente, sendo enfraquecidos com o tempo por não estarem prontos ou não encontrarem formas de adaptação.

Buscar as verdadeiras razões que fazem com que haja esse desaparecimento traz uma esperança de reestruturar as suas pequenas comunidades em suas características individuais e ricas de significação social. O resultado da pesquisa poderá ser utilizado, futuramente, para dar forças aos pequenos grupos sociais a resistirem ao tempo e inovações adequando-se a elas para seguirem com seus projetos.

No primeiro capítulo, serão discutidas as teorias referentes a cultura e suas vertentes em relação à contemporaneidade e mudanças provocadas pelas inovações tecnológicas, embasados em estudos de teóricos como: Nestor Garcia Canclini, Lydia Hortélio, Vinicius Siqueira, Zygmunt Bauman, Luis Beltrão, entre outros.

No capítulo seguinte, será abordado teoricamente, o produto audiovisual na busca da compreensão de como essa linguagem pode auxiliar no processo, como resultado dessa pesquisa. Serão abordadas as discussões à luz de Marcel Martin, Bill Nichols, Sérgio Puccini, além de produções de diretores renomados como

referência da linguagem imagética e do processo criativo, tal como: Eduardo Coutinho.

Para tanto, o próximo capítulo descreverá as etapas de realização do produto, desde a pré-produção, produção, edição até a finalização.

A intenção desta pesquisa é chegar aos jovens do município de Serrinha levando o conhecimento dessa representação cultural, já que a mesma possui pouca visibilidade até então, buscando introduzir um interesse por parte desses jovens.

1. CULTURA E TRADIÇÃO: DO ANTEPASSADO AO MODERNO

Ao buscar compreender conceitos de cultura não é difícil de esbarrar em conceitos formados pelo antropólogo Nestor Garcia Canclini, que tem como premissa a cultura como objeto de constante transformação, contrário de outros pensamentos mais tradicionalistas. Segundo o autor em seu livro *As culturas Populares no capitalismo* (2006), que fala das organizações de dominação que transformou a cultura em objetos de consumo, injetando os desejos e “necessidades” no indivíduo através de discursos massificados. A cultura é tratada como um espetáculo, assim como é feito com a natureza, com um ar de exótico e belo para ser consumido e apreciado, utilizando a premissa de que existem várias formas de ver o mundo, assim são analisadas soluções românticas e estratégicas de mercado para devida compreensão do conteúdo. O que é enfatizado pelo autor é que a cultura popular não é um expressão da personalidade de um povo e sim da interação dos mesmos, através do trabalho, representação e reprodução nas relações pessoais. Para que haja a valorização das culturas e transformação em bem de consumo existem as diferenciações de classes que ficam claras na relação dos meios com as culturas populares, com linguagens específicas a cada grupo social, dessa forma, constituindo-as através de apoderamento desigual de bens econômicos e culturais, interessando a grupos de domínio sob a classe subalterna que tem seus bens explorados, ou seja,

(...) as culturas populares são os resultados de uma *apropriação desigual* do capital cultural, realizam uma *elaboração* específica das suas condições de vida através de uma *interação conflitiva* com setores hegemônicos.(Canclini, 2006).

O que ocorre é que os produtos culturais são submetidos ao desenvolvimento do capitalismo monopolista, numa política de dominação, através de jogos de interesses. Esses fatores provocam grande dificuldade para que grupos de pequeno porte estabeleçam sua identidade e consigam a atenção e interesse dos que o cercam em meio a quantidade de informações colocadas a disposição em massa

pela Indústria Cultural², provocando o fenômeno da homogeneização de algumas culturas, que tomadas pela indústria tornam-se a regra, não dando vez para o que não faz parte desse sistema, dessa maneira vai tomando terreno dos pequenos grupos e festas voltas a espetacularização e mercantilização, gerando o enfraquecimento das estruturas e rituais antigos, quem não tenta se integrar ou adaptar ao moderno, persistindo com seus elementos próprios e imutáveis, vivendo “a aspiração de revitalizar periodicamente a unidade comunitária perdida e a esperança de reconquistar uma vida auto-suficiente”(CANCLINI, 2006, pg. 130), como é o caso do Presépio. Já que a tendência do capitalismo é de romper a diferença entre festas culturais e espetáculo, cada vez mais serão excluídos os que não fazem parte desse complexo.

Ainda sob a mesma premissa, Canclini possui outras linhas de estudos, no qual serão utilizados também o de Culturas Híbridas que: tem-se como cultura a mistura do culto com o popular e o massivo. Para o mesmo, a modernização põe valor estratégico às artes, tirando delas os valores de essência que, criados pelas elites deixam de ser representativos e passam a ser gerados por interesses individuais. Assim, Canclini define:

O popular como sendo o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos (Apud, OLIVEIRA, 2007, pg. 178).

Essa massificação das culturas acaba unificando e padronizando certas representações que são relevantes a grupos seletos de interesse, o que acaba gerando uma descaracterização dos pequenos grupos que lutam para manter-se vivos em seus conterrâneos, já que eles não possuem os mesmos poderes atrativos e ferramentas massivas utilizadas.

Para compreender como funciona o trabalho desses pequenos grupos, o conceito de Folkcomunicação auxilia, já que para seu autor Beltrão o conceito “tem como objeto de estudo a comunicação por intermédio de artifícios populares, ou

² É um termo desenvolvido para denominar o modo de produzir cultura no período industrial capitalista. Ele designa principalmente a situação da arte na sociedade capitalista industrial, marcado por modos de produção que visavam sobretudo o lucro.

seja, a mistura da tradição popular e dos acontecimentos históricos com o contexto massivo”. (Apud, 2013, pg. 1)

O popular não deve por nós ser apontado como um conjunto de objetos (peças de artesanatos ou danças indígenas), mas sim uma posição prática: ele não pode ser fixado no tipo particular de produtos e mensagens, porque os sentidos de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sociais. Nenhum objeto tem o seu caráter popular garantido pelo povo ou porque este consome com avidez, os sentimentos de valores populares vão sendo conquistados nas relações sociais. É o uso e não a origem a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que conferem sua identidade. (CANCLINI apud FERNANDES; FALCHETTO; VIEIRA; NOGUEIRA; DE CARVALHO, 2013)

Beltrão estuda as culturas massivas e informais que são marginalizadas considerando cada detalhe, pois “o todo é mais do que a soma das partes” (Apud, 2013, pág. 5). Assim, cada cultura deve ser considerada de maneira similar. Entendendo que a comunicação não é feita apenas por grandes mídias e, sim, por todos os tipos de espaços em qualquer lugar, enfatizando que a palavra Folkcomunicação vem da junção das palavras *folclore* e *comunicação*, dando voz a todas as representações culturais em sua teoria.

Já para Bauman a Modernidade Líquida gera uma sociedade na qual a identidade é objeto de consumo e pode ser alterada a qualquer momento se esquecendo do que passou e sendo moldados por ferramentas do poder que agem sob a forma de conselheiro, introduzindo desejo em cada indivíduo. Segundo o autor, “a vida organizada em torno de consumo se move em torno de seduções.” (Apud, 2017, pg.62).

A modernidade sólida sempre possuiu, como característica principal, o poder sobre os outros e padrões relacionados à família, com seus discursos ordeiros que possuem atributos de tradição e sempre colocada como ordens, gerando dependências e estabilidade. Os padrões geravam certas “seguranças” dos grupos que conseguiam sobreviver através de discursos considerados como modelos a serem seguidos como algo imutável e de total importância sua passagem para gerações futuras, nesses casos o que existia era uma liberdade individual de pequenos grupos, no qual cada comunidade possuía suas “verdades” e características próprias providas de seus antepassados e se vivia em relação ao seus ensinamentos e exemplos.

Ao estudar a contemporaneidade, Bauman utiliza a teoria da modernidade líquida na qual segundo o sociólogo, essas bases sólidas foram derretidas. “Os primeiros sólidos a se derreter, diz o teórico, eram “as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas.” (Apud, 2017, pg. 10).

Dessa forma, as mudanças tornaram-se visíveis graças ao tempo despeço e a sua velocidade, também aos grandes grupos de monopólio do capital. A frase “tempo é dinheiro” tornou-se a nova regra da modernidade. A fluidez é a palavra da vez e esse derretimento tomou grandes proporções, deixando as tradições para trás, tornando-se modificável e sem estabilidade ou referência, algo solto e sem fundamentos concretos. Dessa forma, não há mais por onde se guiar, destruindo as muralhas antes imutáveis da base familiar tradicional.

A decadência da experiência tradicional e as liberdades individuais foram eliminadas em favor das organizações, que passavam a se utilizar dos meios de comunicação para obter o controle de forma minuciosa e imperceptível, tornando os indivíduos controláveis através de seduções, por meio de discursos que induzem ao consumo através do desejo e tornando-se os “conselheiros”, ou seja, enquanto os antigos diziam o que deveriam ser feito, os monopólios diziam “é melhor fazer assim”, e isso se transformou no discurso de que “o caos é a regra e a ordem é exceção”. A monotonia e a previsibilidade deixaram de ser relevantes a esse novo indivíduo, o indivíduo líquido que pode comprar sua identidade em prateleiras como qualquer outro objeto de consumo, podendo tornar-se qualquer um ou mudando caso necessário despiando-se de algo que não serve mais e vestindo sempre outras identidades experimentais raramente estacionando em alguma delas, sendo sempre incompleta. “A modernidade líquida não significa o fim das regras, o fim das leis. Ela significa o fim das autoridades que seriam absolutas na hora de apontar qual identidade cada indivíduo deveria corporificar.” (Apud, 2017, pág. 53).

A modernidade líquida traz, para a sociedade, elementos que caracterizam o novo modo de viver, pensar e agir. A globalização é algo que modificou a sociedade e a forma como ela se comporta. Sendo assim, para Bauman, a ideia de comunidade coletiva na modernidade líquida passa a ser individualista por conta do capitalismo, no qual cada indivíduo passa a viver de acordo com suas próprias percepções.

A essa nova ideia de comunidade na modernidade líquida, Bauman diz que é como uma busca de identidade, que na sociedade de consumo atual nunca é encontrada. As novas gerações que buscam essa identidade, na sua comunidade, esbarram-se nessa sociedade de consumo, igualmente a gerações anteriores que tentam passar para os mais novos essa identidade, valores e tradições, também se depara com essa sociedade capitalista. O avanço tecnológico contribui para essa individualização de modo que, através da indústria cultural, a forma de consumir tenha se modificado sendo mais atraente para as novas gerações participarem de eventos mais modernos do que se mobilizarem para participarem de uma manifestação cultural que não se adapta ao que é considerado contemporâneo.

“Ser moderno significa nunca parar, significa mover-se indefinidamente em busca de uma satisfação nunca alcançada. Ser moderno envolve não aceitar a fixidez, estar em constante transgressão e indefinível construção de uma identidade, como um projeto não-realizado.” (SIQUEIRA, 2017, pg. 33)

Assim, podemos entender que na modernidade líquida essa manifestação cultural fica refém da atualidade, ou seja, precisa estar em constante atualização para se manter viva e causar o interesse dos mais jovens.

1.1 O POPULAR COMO FORMAÇÃO DA CULTURA

Ao estudar cultura popular o que se vê é uma variação de conceitos, durante várias décadas o assunto foi abordado de maneira distinta por autores e estudiosos que não compreendiam conceitos já estruturados, assim gerando várias vertentes para um mesmo objeto, a princípio a cultura popular foi tida e analisada como contraste ao termo “cultura”, até então utilizada para as formas denominadas pela elite envolta do conceito do “saber” colocando o popular como o ato do “fazer”, sem noção e conhecimentos racionalizado e culto. Esses pensamentos produziram e ainda produzem uma discussão etnocentrista na qual o “eu” prevalece, nesse caso os grupos, geralmente de classes sociais altas, partilhavam da visão de mundo que considerava as formas de representações dos seus grupos como um padrão a ser seguido por todos, com a convicção de que o seu “modo de vida é correto e o dos outros é errado” (FILHO, 2006, pág.1). Porém, ainda segundo o autor, esse etnocentrismo deve ser superado levando em consideração que:

A origem de cada cultura vem de um processo de adaptação do homem a seu meio ambiente. Em diferentes épocas e lugares, comunidades resolvem de formas diversas seus desafios. Cada qual encontra os mecanismos de controle simbólico que melhores se adaptam a sua realidade. (FILHO, 2006, pág.2).

Dessa forma para se compreender o popular é preciso que se saiba adaptar-se ao outro e as suas diferenças de maneira que exista a extensão do “eu” para o “nós”. A visão dada ao termo popular gerou a inferiorização dessa cultura sendo considerada como prática inferior dos subalternos, sem autoconsciência. Isso se dá a supervalorização da cultura erudita, que trata da arte definida como pura e racional e da concentração do conhecimento a uma pequena minoria elitizada e endeusada.

Porém, a linha de estudos mais conhecida e popular em relação ao termo é o dos considerados românticos, que utilizaram o termo Folclore³ para nomear as tradições regionais. A romantização do Folclore iniciado pelos irmãos Grimm em 1878, foi o ponto de partida para a criação do “espírito científico” que levou uma função crítica ao saber popular. Buscando fomentar a preservação das tradições típicas, FILHO (2006) utiliza em seu trabalho os pensamentos de MARTIN-BARBERO (2004) que diz que: “o popular é um espaço de conflitos”, partindo do pressuposto de que o popular possui características de reação, sendo um espaço da diversidade e de fatores cotidianos.

Para facilitar as relações humanas, o conhecimento popular é rica em preceitos, chamados de moral, que facilitam a conduta dos comportamentos. O respeito ao outro, a honra aos compromissos e a responsabilidade com a consequência dos atos são valores reconhecidos pelo senso comum como atitudes corretas e boas. (FILHO, 2006, pág.8).

Essa maneira de pensar e agir dos pequenos grupos gera uma cultura limitada a heranças sem espaço para mudança e alterações de sua forma pura, mesmo em uma sociedade que possui fatores externos bastantes influenciadores de fácil modelagem e paginação moderna, de fácil absorção. Esses fatores são alguns dos motivos pelos quais se percebeu a dificuldade na formação de um único conceito de cultura popular, para CANCLINI, 2008, pág. 206:

³ O folclore é constituído por um conjunto de bens e formas culturais tradicionais, principalmente de carácter oral e local, sempre inalteráveis. As transformações são atribuídas a agentes externos, motivo pelo qual se recomenda instruir os funcionários e os especialistas para que “não desvirtuem o folclore” e “saibam quais são as tradições que não têm nenhuma razão para ser mudadas”. (CANCLINI, 2008, pág. 213).

Se a cultura popular se moderniza, como de fato ocorre, isso é para os grupos hegemônicos uma confirmação de que seu tradicionalismo não tem saída; para os defensores das causas populares torna-se outra evidência da forma como a dominação os impede de ser eles mesmos.

Portanto os setores populares estão aderindo a modernidade, mas antes que isso acontecesse era preciso que operações feitas sobre os conceitos de popular em suas três correntes, o folclore, a indústria cultural e o populismo político se desfizessem, já que a ideia de popular foi constituída como sendo algo *construído*, o que gerou uma crise teórica referente aos conceitos.

Com a existência do povo nos conceitos de cultura acabaram gerando desconfortos, pois apesar de legitimadores dos governos que o povo concedia, era sua abolição da razão que levava as elites a um dispositivo de “inclusão abstrata e exclusão concreta, nas palavras de CANCLINI (Apud. CANCLINI, 2008, pág. 208)”.

Para a população a tradição se dá em torno da sobrevivência, dessa maneira o conhecimento do mundo em que vivem não é utilizada somente para noções de integrações modernas, mas também como libertação da classe oprimida e marginalizada, o que gerou grandes avanços, porém um fator não favorável para os mesmos foi a valorização voltada mais aos objetos que aos próprios agentes, inseminando a cultura do consumo, dessa maneira “o povo é resgatado, mas não conhecido” (CANCLINI, 2008, pág. 210), graças ao nacionalismo político e o humanismo romântico produzidos por interesses diversos e resultados adaptados a interesses dos mais favorecidos.

A partir de então as estratégias referentes a políticas culturais levou a reformulação do popular, criando uma nova perspectiva, a tradicional-popular, a partir da relação da indústria cultural com a cultura de elite.

Esse processo gerou contestações de folcloristas em relação ao panorama clássico, porém: - O desenvolvimento não suprime as culturas populares tradicionais, dessa forma não apagou o folclore, pelo contrário, o transformou através de incorporações. - As culturas camponesas e tradicionais já não representam a parte majoritária da cultura popular, essa mudança criou os “grupos urbanoides” (CARVALHO, Apud. CANCLINI, 2008, pág.218) que reinstalam as tradições em outros locais. - O popular não se concentra nos objetos, assim todos são dramatizações dinâmicas da experiência coletiva. - O popular não é monopólio dos setores populares, perdendo a

exclusividade, há agora uma relação interfolclórica. - O popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições, com a transgressão humorística.

Dessa maneira, acaba-se por observar que como qualquer outro meio, a cultura popular tornou-se uma forma de controle social, já que os mesmos foram introduzidos as formas de culturas de consumo através tanto da atração por estar em alta junto as representações da Indústria cultural, como da exclusão voltada para os que não fazem parte desse meio.

Assim, há manifestações que remetem ao processo de transformação e reprodução do cotidiano de cada comunidade ou indivíduo. Cada um faz a diferença, pois: “todos esses usos da cultura tradicional seriam impossíveis sem um fenômeno básico: a continuidade da produção de artesãos, músicos, bailarinos e poetas populares, interessados em manter sua herança e em renová-la.” (CANCLINI, 2008, p. 217).

Para se fazer uma medição entre a tradição popular e a cultura de massas, é necessário se falar sobre o melodrama (um gênero popular), emblemático neste processo, segundo MARTIN-BARBERO (1997). O autor busca investigar “não o que sobrevive de outro tempo, mas o que no hoje faz com que certas matrizes culturais continuem tendo vigência, o que faz com que uma narrativa anacrônica se conecte com a vida das pessoas”. (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 18).

BARBERO (1997) coopera em um processo de releitura sobre as possíveis relações entre o massivo e o popular ao presumir um novo espaço para a cultura popular na modernidade, evidenciando o exercício que as figuras de tais manifestações idealizam para sua articulação com os meios atuais de expressão. Como citado acima, existe um espaço de mediação entre o popular e o massivo, espaço que se dá justamente por meio da conexão entre determinadas matrizes culturais.

Além disso, o teórico não concorda como o massivo é rotulado, um elemento que apenas “usurpa” do popular e indica que tal leitura só se pode dar por meio de duas frentes equívocas: uma com base na visão a exemplo a dos folcloristas, que visa preservar o autêntico no popular, e a outra com base em uma “concepção da dominação social que não pode pensar o que produzem as classes populares senão

em termos de reação às induções da classe dominante”. (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 309).

Ele ainda destaca que, o popular não poderá continuar a ser o mesmo com a propagação das massas urbanas e propõe que “ou renunciamos a pensar a vigência cultural do popular ou, se ele ainda tem sentido, não será em termos de exterioridade res-guardada, mas de imbricação conflitiva no massivo”. (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 310). Sendo assim, podemos entender que existem possibilidades das manifestações culturais se redescobrirem e se potencializarem para sobreviver à contemporaneidade.

Para entender de que forma a convergência cultural gera impacto e conflitos nas culturas, especificamente na cultura popular, utilizaremos como objeto de estudo o Presépio que está passando por um processo de descontinuidade.

1.2 CULTURA DA CONVERGÊNCIA E OS DESAFIOS AOS PEQUENOS GRUPOS

A cultura da convergência é a prova de que todas essas mudanças estão cada vez mais nítidas na contemporaneidade, a colisão entre os meios de comunicação é uma característica muito marcante de mudanças tão profundas no cenário cultural. Jenkins fala sobre convergência em seu livro *Cultura da Convergência* (2009), utilizando os três conceitos de convergência: o da convergência dos meios de comunicação, da cultura participativa e inteligência coletiva. O conceito desta teoria foi desenvolvido por meio de influência de autores renomados, tais como: Ithiel de Sola Pool, Nicholas Negroponte e Georpe Gilder. A teoria, basicamente, surgiu através dessas premissas, do fluir por várias plataformas, onde o original se mantém, porém, as tecnologias mudam. Sua definição é tida como “o fluxo de conteúdos através das múltiplas plataformas de mídias” (JENKINS, 2009, Pág.30) para o mesmo, essa interatividade vem provocando uma fluidez e rapidez na disseminação de conteúdos, tornando as experiências culturais atemporais, pois os conteúdos acessados podem ser vistos a qualquer momento e em qualquer lugar. As redes provocam mudanças nas estruturas de pequenas comunidades, introduzindo nelas formas de culturas distintas de seu local e origem, ainda segundo Jenkins, “no mundo da convergência

das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia.”

Esse desejo de não perder o controle dos grandes monopólios da mídia e incertezas que as convergências provocariam para o futuro, levaram esses grupos a se “unirem” para continuar a fazer seus papéis de influenciadores sociais, o que transformou a cultura por meios de incentivos de novas informações em meios dispersos.

O que contrasta com a característica colocada como noção da convergência, a de *cultura participativa*, já que os meios de comunicação anteriores eram tidos como meios de passividade para o consumidor, no qual não se podia interferir nos seus conteúdos, ou seja, eram apenas meros ouvintes e seguidores. Nessa nova forma o consumidor é participante que interage e “faz” conteúdo também, que opina e se faz presente. Porém nem todos são preparados para essas novas formas de interação e nesses casos os grandes meios continuam produzindo efeitos, utilizando de meios e artifícios para continuarem seus processos de influência.

Ter uma máquina que possui “mil e uma utilidades” na palma da mão é uma grande facilidade para o indivíduo, porém como qualquer tecnologia, se o celular não for utilizado com as habilidades corretas, não passará de uma máquina de disseminação de velhos conceitos e estruturas sociais já fixadas e esse é um grande paradigma, ao observarmos esse monte de informações que se tem acesso, acaba deixando de lado os conteúdos que não se encaixam nas massas, gerando desinteresses por pequenas representações que estão em seu meio físico, tomando como base a cultura de massa, geradas para produzir lucros.

Dessa forma, Jenkins (2009) relata em sua obra, a complexidade da cultura da convergência e o quão difícil é compreendê-la, pois a mesma possui várias vertentes a serem analisadas e uma variação de resultados a serem vistos futuramente.

Para entendermos um pouco sobre essa convergência a que se refere o presente trabalho, podem-se utilizar exemplos como os aparelhos que quando foram criados possuíam geralmente apenas uma função, um exemplo eram os gravadores de voz que possuíam apenas a função de captar sons, a TV que somente exibia conteúdos audiovisuais e o rádio para transmissão de conteúdo sonoro, e por fim o

celular que possuía apenas a função de fazer e receber ligações. A convergência trata da junção de todas essas funções em um só aparelho e essa não se restringe somente a ele, pois a partir da internet torna-se uma rede de informações rápidas.

A partir da observação do estudo acerca da cultura da convergência, proposto por Jenkins, analisaremos neste trabalho, como a cultura popular se comporta dentro desse contexto. Para tanto discutiremos neste primeiro momento o conceito de cultura popular. A cultura popular surge a partir das desigualdades do capital econômico e do capital cultural que reflete na apropriação e desenvolvimento cultural da classe subalterna, além das formas de representação das suas relações sociais.

1.3 O PRESÉPIO E SUAS ESPECIFICIDADES EM RELAÇÃO A CONTEMPORANEIDADE

Uma dança com várias demarcações e rituais específicos, para que seja realizado o presépio é necessário ensaios das loas e marchas, os preparativos para o evento começam dias antes, quando são confeccionados os acessórios e adereços, como os bonés, que são feitos de palha de pindoba, jornal, papel crepom e festões, e o tirindão, que é feito com cipó, formando os arcos e é enfeitado com papel colorido. No dia do evento, a dona do terno e familiares arrumam a lapinha, que é como um altar com flores, folhagem, imagem do menino Jesus, fotos de familiares já falecidos e que costumavam brincar o presépio, entre outros. Na noite do evento, os pastores e pastorinhas se vestem de branco. Os meninos usam um chapéu vermelho em forma de coroa, representando os três reis magos e as meninas bonés. Os vestidos das meninas levam uma fita de cetim vermelho trespassada sobre o peito, contornando a cintura. Por volta das 22h da noite o baile se inicia e é anunciada a entrada dos pastores e o acontecimento que vai se desenrolar até o amanhecer. Logo após, as pastorinhas entram no espaço e se dividem em duas filas, cada fila se inicia com um pastor. Durante toda a noite, são cantadas cerca de 45 marchas, entre elas passos animados, como um forró pé de Serra e em outros momentos mais lento. Os momentos mais eufóricos do baile são a entrada da Velha Caduca e do Palhaço “homem de folhagem”, que levam harmonia para o evento. E nesse ritmo de alegria a festa vai até o amanhecer, representando

assim o nascimento do menino Jesus e a fé daqueles que se fazem presentes. Roupas brancas com fitas de cetim vermelhas envoltas no corpo dos participantes, características que, visualmente falando, não possuem atrativos, se comparados as vestimentas atuais. Cantigas⁴ específicas como:

*Baia, baiá pastorinha;
baia com muita alegria,
hoje nasci, como Jesus,
filho de Maria...
hoje nasci, como Jesus,
filho de Maria*

(Baia Pastorinha, autoria não identificada)

Acompanhadas por instrumentos musicais, tais como, sanfona, pandeiro, triangulo e violão, além das vozes dos próprios tocadores, que na maioria das vezes é formada por populares sem que sejam profissionais da música e dos componentes do grupo, não possuem nenhum tipo de projeção auditiva, nem microfones ou nem instrumentos elétricos, podendo ser ouvidos somente aos arredores. Uma festa com características que contrapõe às festas urbanas, ou seja, ele se desenvolve em um ambiente de expressão da comunidade envolvendo todas as classes sem distinção e com caráter de festa participativa. Essa diferença entre os dois tipos de festas e a cultura da convergência levanta discussões acerca das modificações em algumas representações culturais ou a respeito do seu desaparecimento.

O Presépio possui uma forma de apresentação bastante enraizada, sem qualquer tipo de alteração com o passar dos anos, pois, para os seus coordenadores essa forma de ser feita não pode ser alterada, para os mesmos se houver alteração muda a essência que a representação tem para a família e o respeito aos seus antepassados.

Um evento que tem características tão peculiares não faz parte da nova forma de diversão da sociedade moderna. Como colocar uma representação com formas de exposição mais antiga no gosto dos indivíduos novamente? Como tornar essa representação algo interessante tanto ao público, quanto aos próprios jovens da região?

⁴ composição poética de versos curtos e dividida em estrofes, própria para ser cantada pelos trovadores.

Quando se fala em cultura popular, nota-se que as mesmas vêm se adaptando as novas formas de representação, elas se modificam ou juntam-se a novas formas para conseguirem sobreviver e perpassar por gerações.

No caso do Presépio, não houve esse processo de adaptação, dessa forma uma outra vertente que pode modificar essa falta de interesse, é a midiaticização através da cultura da convergência. Tornar algo visível ao público em geral, pode ser um atrativo para que esse desejo retome à população.

O momento atual é dos famosos da internet, nunca se ouviu falar em tantas pessoas comuns conquistando a fama, como se tem hoje com a disseminação desse meio. As redes podem e levam representações além de suas fronteiras, assim, tornando-as visíveis em toda extensão do planeta. Buscar formas de trabalhar a imagem do Presépio pode ser a alternativa que faltava para a solução do seu problema de esquecimento e desinteresse da população.

E bem verdade que, nem todos os grupos e representações midiaticizados conseguem o tão esperado reconhecimento, porém o fato de estar junto as configurações da atualidade pode ser a porta de entrada para uma nova etapa dessa representação cultural.

2. MIDIATIZAÇÃO E VISIBILIDADE

Depois de compreender a importância do Presépio enquanto representação cultural como símbolo dos pequenos grupos e dar voz e vez aos mesmos, será produzido um documentário para promover a dança, mostrando suas características e tornando-o mais visível para a região.

Um documentário de modo participativo, segundo Nichols (2005), enfatiza a interação do documentarista com as pessoas que participarão do mesmo, uma forma de envolvimento ainda mais direto, em que será testemunhado o mundo histórico de maneira qual ele seja representado por alguém que nele se engaja ativamente.

A partir desse conceito de Nichols, buscando entender como o documentário é produzido e como ele pode ajudar na visibilidade e compreensão do Presépio pelo

publico alvo, primeiro discutiremos o que é um documentário, sobre quais abordagens ele pode tratar e qual tipo melhor se adapta a pesquisa. Por estar profundamente enraizada que o filme documentário é uma forma de transmitir a verdade, o gênero foi escolhido a fim de que se use o apelo emocional para envolver uma comunidade que esta passando por um processo de mudança nas suas tradições, bem como usar uma montagem que passe uma impressão descontraída para conversar com o grupo em questão já que a temática foge ao contexto atual.

Esse gênero audiovisual traz duas vertentes que pode ser tanto o documentário de ficção quanto o documentário de representação social, este ultimo é aquele que de certa forma traz experiências já existentes, a fim de proporcionar “visões de um mundo comum, para que os exploremos e compreendamos”. (NICHOLS, pág.27), e é o que melhor dialoga com a vivência do tema abordado, transmitindo assim seus significados, valores e chamando a atenção para o problema em questão.

A caracterização do documentário pode ser dada através dos modos de produção, eles mostram a diferenciação do documentário para os outros tipos de filmes e a forma que ele trata as temáticas e alcance dos objetivos pretendidos pelo cineasta. No caso deste produto, o modo participativo é o que melhor representara o contexto histórico e como se encontra atualmente o Presépio.

Os documentários não são documentos no sentido estrito do termo, eles se baseiam na característica documental de alguns de seus elementos. (NICHOLS, 2005, pág.68).

O documentário com seus elementos será o meio pelo qual será falado diretamente com o publico da realidade histórica que está se passando com o Presépio, sendo assim um veiculo que agirá intervindo no conhecimento das pessoas a cerca do problema e assim como conhecer essa representação cultural, já que esse tipo de produto desperta o desejo de informação no seu público.

Nichols, chama a atenção no seu livro Introdução ao documentário, para quais assuntos o documentário deve tratar, chegando a conclusão de que os temas que devem ser abordados são os que verdadeiramente despertem o interesse em serem debatidos e que tenham interesse social, como o que vem sendo abordado

na pesquisa, no qual as pessoas que integram a representação cultural reclamam de maneira mais leiga, sobre o desaparecimento do Presépio.

Utilizando sequencias de imagens e sons, documentário de modo participativo, caracterizado pela fé em testemunhas, imagens de arquivos pessoais, entrevistas e histórias, usa um apelo emocional, já que se trata de assuntos pessoais e que fazem parte da tradição de uma comunidade, as questões sociais são tratadas de forma que o diálogo entre os participantes do filme e o cineasta mostre uma verdade do local de fala e que desperte o interesse.

3. REALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A ideia desse documentário surgiu como um suporte audiovisual para uma pesquisa que aborda, principalmente, o porquê de uma representação cultural estar sendo extinta em uma comunidade, com objetivos de levar para o público alvo, que são os jovens, o conhecimento e a experiência de pessoas que já participaram do Presépio buscando fazer uma provocação para o problema exposto. Para tanto, neste capítulo será relatado as etapas de criação desse produto e as vivências nesse percurso.

Após leituras para construção teórica e definição da estrutura do documentário, foi realizada uma pesquisa de campo para maior familiarização com o Presépio, incluindo pesquisa de arquivos pessoais, no qual encontramos um livro de Lidya Hortélio, que também já trabalhou com o tema e auxiliou como referência bibliográfica. Após discutir de forma teórica os elementos que trazem a pesquisa, notou-se a relevância do Presépio para o projeto, compreendendo de que forma um documentário poderá auxiliar na construção da narrativa do que está proposto teoricamente com o que é pretendido passar como mensagem através do produto audiovisual.

Em campo foi realizada conversas com alguns moradores da comunidade que já participaram do Presépio, incluindo as pessoas que já organizaram antigas apresentações, bem como, as que só apreciavam o momento e outras que só

ouviram relatos de seus familiares. Muito pouco se encontra sobre o Presépio em outros meios, então a pesquisa para o produto foi toda fundamentada nessas testemunhas, memórias e arquivos.

A dificuldade encontrada para a realização do produto foi justamente o não acontecimento da apresentação em seu período habitual, por questões que foram tratadas em quanto problemática da pesquisa. Por se tratar de uma representação que também pode ser feita como oferecimento para pagar promessas, surgiu a oportunidade de ser realizada uma apresentação, viabilizando o registro para compor o filme.

A proposta de construção do roteiro (em anexo) foi elaborado de forma que fosse dividido seis momentos, o inicial abranger o que é o Presépio e como ele começou na comunidade, com entrevista da dona do terno e seu esposo, para situar o espectador com elementos que caracterizam a dança e alguns trechos da apresentação em planos detalhe. Seguindo a proposta tem-se entrevistas com algumas pessoas que já participaram do Presépio contando suas experiências e recordações, explicando por que a representação cultural é tão importante para a história da comunidade, inclusive com o participante mais antigo dessas apresentações. Com propósito de chamar a atenção dos jovens, há uma cena na qual os jovens que participaram da última edição do Presépio contam o que os motivaram a fazer parte, suas expectativas e o que eles consideram tão importante na representação, além de passarem uma mensagem para que a juventude mantenha o Presépio vivo como memória do seu lugar de pertencimento.

Outro momento que integra o filme é o dia da apresentação, duas cenas compõem o roteiro, uma com a preparação para a noite, organização do espaço, das roupas, dos músicos, sonorização e construção da lapinha. A outra cena com plano geral pegando os momentos da dança, os convidados e a alegria do momento. Para abordar com a linguagem audiovisual a problemática apontada, as cenas seguintes são compostas com entrevistas nas quais os participantes falam das dificuldades de manter o Presépio nos dias atuais e como se sentem percebendo que a tradição pode ser esquecida. Seguida da cena na qual um especialista sobre o tema explana sobre essas novas mudanças no cenário da cultura e qual o impacto delas sobre os pequenos grupos culturais. Finalizando o documentário, a proposta foi de inserir crianças pequenas da comunidade vestidas

com as roupas do Presépio, dançando, como um símbolo de esperança para que essa tradição continue viva e desperte o desejo de mantê-la.

Após montagem do roteiro foram definidas as formas de entrevistas e seleção dos personagens que iriam compor o filme documentário. A equipe inicialmente era formada pelas estudantes Érica Barreto, Fernanda Vieira e Laís Oliveira e como grande parte dos participantes do Presépio são familiares da Estudante Érica viabilizou ainda mais os contatos com as pessoas.

O documentário foi composto pelos seguintes personagens: Maria do Carmo (Carminha), 67 anos, dona do terno, esposa de José Pereira (Reuris), 64 anos, que também participa da celebração cantando e tocando a sanfona até o dia amanhecer; Dalva, 48 anos, ex-integrante que atualmente participa através da confecção dos objetos que são usados durante a apresentação; Simão, 79 anos, irmão de Carminha, conhece o presépio desde criança e até os dias atuais toca triângulo; José Carlos, 40 anos, simpatizante da representação cultural; Fabiele, 16 anos, jovem que participa do presépio desde criança; Elvis, 26 anos, sobrinho de Carminha e músico; Rogério Costa, 39 anos, Especialista em Jornalismo Cultural na Contemporaneidade e Bacharel em Comunicação Social-Habilitação Radialismo, concentra-se em estudos sobre comunicação, cultura e contemporaneidade; José Oliveira, 60 anos, tocador de harmônica, a conhecida gaita.

A maioria das gravações que tiveram êxito e foram escolhidas para edição, foram realizadas na casa do Sr. Pedro, irmão de Carminha, na comunidade do Mato Grosso, por se tratar de um espaço amplo e onde ocorreria a tão esperada noite do presépio. Aproveitando a luz e ambiente natural da locação meio às árvores, registramos o depoimento de Dalva, Elvis e Fabiele, Ainda na mesma locação, na transição da tarde para a noite, gravamos com José Pereira e Carminha, o qual teve um pouco mais de dificuldade por conta do vento que tomou o local.

Em seguida, já à noite, nos deslocamos de carro para uma comunidade vizinha, próxima, mas que era necessário o transporte, para realizarmos as entrevistas com o Sr. Simão e seu sobrinho José Carlos, que há muitos anos acompanham e participam da celebração a Deus menino. Gravamos as duas entrevistas na área da frente da casa do Sr. Simão, ambiente natural e utilizamos como suporte na iluminação um Led e a lâmpada alógena da própria residência.

Ainda como brinde conseguimos, resgatar um antigo CD gravado em estúdio com cantigas cantadas pelos próprios participantes do presépio.

Um dia antes da gravação do Baile de Deus Menino, que aconteceu na casa dos pais de Érica, na zona rural de Serrinha, foi realizada uma espécie de terraplanagem no espaço onde aconteceria a celebração com o intuito de enrijecer o chão para que com o movimento dos passos da dança, fosse evitado que a terra se levantasse e fizesse poeira, e por precaução de possíveis alterações climáticas, foi instalado um toldo.

O dia foi de grande movimentação na casa, acompanhamos e registramos a montagem da lapinha, que é feito pela dona do terno e familiares, considerado um altar. Para contribuir com a iluminação do espaço, já que iniciáramos a gravação às 22hs e encerráramos pela manhã do dia seguinte, foi confeccionada uma gambiarra com várias lâmpadas, tornando o ambiente mais agradável e iluminado.

Disponibilizamos espaços ao redor da casa para a venda de lanches e doces por parte da população local, pois o evento seria um atrativo para a comunidade, tendo em vista que há muito tempo não se via acontecer o presépio por ali. Próximo ao horário marcado para início do presépio, já notávamos a presença de muitas pessoas diferentes, mas conhecidos para aqueles que moram ali. Impreterivelmente às 22h00 foi iniciada a celebração com a oração Pai Nosso, desejando uma festa de paz para todos. A locação não deixou a desejar, saindo tudo conforme planejamos para este registro.

Durante as gravações das entrevistas, não sugerimos o figurino dos entrevistados com o intuito de deixa-los mais a vontade, com roupas escolhidas pelos mesmos, usadas no dia-a-dia, assim como a maquiagem. Já o figurino da gravação da festividade foi preparado cuidadosamente com antecedência, roupas e acessórios padrões para aqueles que iriam dançar, pois segundo eles, não se pode mudar a essência do presépio, e a maioria dos objetos são confeccionados à mão, utilizando materiais como chapéus de palha de pindoba, jornal, papel crepom, cartolina, fita e cola. Os pastores vestem camisa e bermuda branca e o chapéu de cartolina em forma de coroa, já as pastoras usam os "bonéus", feito de jornal e enfeitado com papel crepom, vestidos brancos, abaixo do joelho e levam uma fita de cetim vermelho trespasada sobre o peito, contornando a cintura. As maquiagens

das meninas foram feitas entre elas e familiares, com tons leves e que não chamasse atenção e os meninos se apresentaram com a pele natural. Os demais participantes do presépio que cantam as marchas e tocam os instrumentos, como Carminha e José Pereira, tiveram a opção de se vestir com suas roupas pessoais, porém, não é permitido roupas que “mostrem demais”, por se tratar de uma celebração religiosa. Durante a entrevista, o senhor Simão relembra: “as pessoas respeitavam tanto o presépio que ao chegar ao terreiro de qualquer casa que estivesse acontecendo, tirava o chapéu da cabeça”. Podemos notar que a criatividade é um grande tocante do presépio, que gera um brilho especial para os participantes e aqueles que acompanham, refletindo não só a fé, mas a imaginação, a sensibilidade para vivenciar o momento.

3.2 PRODUÇÃO

Após seleção dos personagens e definição do viés das entrevistas, além de estar com a data da apresentação em definição, deu-se início as gravações, visualizando a disponibilidade da equipe, composta por Érica, Fernanda, Laís e em alguns momentos com o apoio da colega de turma, Aurisléia Ramos. Iniciamos com a gravação das entrevistas, percebendo que algumas pessoas tinham dificuldades de falar em frente às câmeras, elaboramos um roteiro de perguntas norteadoras para que os mesmos se sentissem mais a vontade.

Como as gravações eram feitas na zona rural, cerca de 12 km de Serrinha, a prioridade foi marcar aos finais de semana por conta da jornada de trabalho e estudo da equipe e disponibilidade dos entrevistados. Para esse primeiro bloco de gravação foi utilizado equipamentos da Universidade do Estado Bahia-UNEB, sendo eles tripé, câmera Canon T5i, microfone boom, gravador de som e Leads de iluminação, com alguns contratempos em relação à aparelhagem, como no primeiro sábado que marcamos visando aproveitar o máximo da luz natural, porém após a filmagem percebemos que o material não seria utilizado por conta de defeitos no cabo do microfone. Sendo assim, fizemos contato com a UNEB e as filmagens foram remarcadas.

No dia combinado para refazer as filmagens a equipe se preocupou em adquirir equipamentos extras por precaução, como uma câmera Nikon D3200, emprestada por um amigo, e alguns cabos a mais, fazendo a captação do som

também por smartphone. Deslocando-se para a comunidade de Mato Grosso, a equipe realizou o primeiro bloco de gravações, em meio a dificuldades, como a inexperiência no manuseio dos equipamentos e também o tempo (chuva e fortes ventos), no entanto as entrevistas seguiram de forma produtiva. Priorizamos gravar com todos os entrevistados em um único dia, as imagens e planos utilizados deram um resultado satisfatório.

A gravação do dia da apresentação do Presépio, 14 de abril, demandou mais pessoas para compor a equipe, no dia fomos acudidas por Aurisléia, colega de turma, John Nunes e Eddie Lima, amigos que demonstraram bastante interesse em ajudar. As filmagens começaram desde a manhã e deu seguimento até o dia seguinte, no qual foi finalizada a dança. Para este momento foram utilizados equipamentos da UNEB, os mesmos que já vinham sendo utilizados nas gravações das entrevistas, acrescidos de uma câmera SONY, que fez todo plano geral da dança, pegando toda apresentação, uma câmera Nikon D3200, que foi usada para gravação de planos detalhes e uma câmera Nikon D3200, como suporte.

Para esse dia foi elaborado um roteiro de gravação para organizar as tomadas a serem filmadas. No início da tarde foi filmado o processo de construção da lapinha e do cenário que integram a dança, já no início da noite gravamos o cenário já montado e a chegada dos convidados, assim como a arrumação das pastoras e pastores já dispostos para começar a apresentação. No momento em que o Presépio iniciou, começamos também a filmagem completa da dança, seguindo o roteiro criado, que dava prioridade de gravação com as câmeras auxiliares a momentos específicos, já que o Presépio acontece a noite toda, das 22h às 7h da manhã seguinte. Com a câmera detalhe foram captadas imagens dos músicos, pastores e pastoras, a dona do terno, convidados cantando e batendo palmas e momentos peculiares da dança que causam grande euforia na plateia, como a velha caduca e o palhaço. Utilizamos um gravador de som que captou durante toda a noite, próximo ao microfone, versos e canções do Presépio.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

A etapa de pós-produção foi mais desafiadora do que a produção deste trabalho, tendo em vista todos os imprevistos, problemas de saúde, separação da equipe inicial e a falta de tempo para se dedicar ao projeto devido aos horários do emprego de cada uma. Assim, tornou-se bastante complexo a escrita de um memorial em paralelo com a decupagem e edição do produto.

A decupagem do material gravado ocorreu em meados de maio de 2018, tivemos que dar uma pausa por problemas pessoais, logo após veio o recesso junino e assim e retornamos a movimenta-lo entre agosto e setembro. Analisamos a imagens e notamos a grande dificuldade em escolher as partes que utilizaríamos, pois em algumas entrevistas não obtivemos respostas diretas aos questionamentos, muitas vezes curtas, longas demais ou arredondadas, o que muito atrapalhou e fez-se necessário entrevistas com muitos cortes bruscos. Após análise foi criado um roteiro de decupagem anexo a este memorial.

Sentimos a carência de uma cena com algum representante da gestão municipal de Serrinha, para possíveis esclarecimentos e se colocar a disposição na popularização do presépio. Entrevista que infelizmente não foi possível de ser registrada por conta da falta de disponibilidade e/ou interesse do responsável.

A falta de prática e experiência em programas de edição foi um grande atraso para a conclusão do trabalho, pois ficávamos a depender da disponibilidade da ilha de edição do campus XIV ou de algum profissional de fora, há poucos no ramo e com o período eleitoral, tempo em que surgem muitos trabalhos para a área de comunicação, ficou ainda mais complicado de encontrar algum que abraçasse este projeto. Assim, entre outubro e novembro de 2018, contamos com a ajuda de Robson Cordeiro, Bacharel em Comunicação Social pela UNEB XIV, para edição e conclusão do produto, utilizando o programa Premiere CC 2018, sob nossa direção.

Durante todo processo, tivemos diversas ideias, mas na hora de concretizar isso pudemos perceber o quanto o caminho é difícil. Difícil por que em campo nos momentos das filmagens era visualizado de uma forma e que em algumas vezes ficam inviáveis depois do processo de decupagem e a dificuldade de tornar aquilo

algo seja consumido e gere o impacto esperado na sociedade. Por isso, entendemos que a pós-produção é a etapa mais importante que une todas as anteriores e dá a forma final ao produto, e especificamente a decupagem é um passo extremamente relevante para não se perder tempo procurando cenas específicas.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou um aprofundamento sobre questões sociais envolvendo um determinado grupo cultural. A problemática abordada foi a descontinuidade de uma representação cultural e o interesse de trabalhar esse tema surgiu após ouvir diversos moradores da comunidade do Mato Grosso queixarem-se sobre a dificuldade de manter a tradição viva, porém, eles não entendiam quais os motivos que causam o desaparecimento do Presépio. Inquietados pesquisamos e estudamos, à luz de grandes pensadores da Cultura, Indústria Cultural e cultura da convergência, para compreender de maneira científica os fatores que provocam essas mudanças.

Posteriormente, entendendo que o Presépio tem grande importância para a região, propomos fazer com que o mesmo tenha maior visibilidade, através de um produto do gênero documentário, no qual é contada a história do Presépio, em uma narrativa que aborda os problemas encontrados e uma análise feita por especialista na área. Com intuito de não somente resgatar essa cultura, mas também fazer com que a região conheça mais sobre essa tradição que percebemos que está tão viva na memória da comunidade, ficou claro que o documentário pode auxiliar na disseminação do conteúdo, chegando aos jovens através da exibição nas unidades escolares, nos momentos culturais do município e por meio da internet, alcançando um público maior, resultando em um debate a cerca das inovações e preservação das práticas já existentes.

Esperamos ter contribuído positivamente com a discussão teórica e com a formação que visa à aplicabilidade do vídeo documentário alcançando nossos objetivos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura Popular**. Tatuapé: Editora e Livraria Brasiliense, 1982.
- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios a mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo, Edusp, 2008.
- COSTA, G. **Teoria da Comunicação**. Resenha – Henry Jenkins: Cultura da Convergência. Disponível em: <https://gustavoteoriadacomunicacao.wordpress.com/2013/01/18/henry-jenkins-cultura-da-convergencia/>
- FERNANDES, M; FALCHETTO, G; VIEIRA, H; NOGUEIRA, R; DE CARVALHO, A. **Folkcomunicação: Análise Das Influências Do Conceito Desde Sua Gênese Até a Contemporaneidade**. 2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1592-1.pdf> Acessado em: 05/06/2017 às 21h.
- FILHO, I.C.C. **Etnocentrismo, Comunicação e Cultura Popular**. Ceará: UFPe: 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-ismar-etnocentrismo-comunicacao-cultura-popular.pdf>
- HORTÉLIO, Lydia. **O Presépio ou Baile do Deus Menino: um Natal brasileiro**. 2011.
- HOUAISS, A. **Dicionário Português Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. Resenha. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v 27, n. 3, jul./dez. 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós-produção**. 3ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

SIQUEIRA, Vinicius. **Modernidade Líquida: Uma introdução**. Mauá São Paulo: Editora
colunas tortas, 2017.

Significado de Tradição, disponível em <https://www.significados.com.br/tradicao/>
acessado em 01/05/2018.

Significados de Cultura. Disponível em <https://www.significados.com.br/cultura/>
acessado em 01/05/2018.

ANEXO 1

ROTEIRO DE DOCUMENTÁRIO – O PRESÉPIO: PRESERVAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS DE SERRINHA.

ESCRITO POR:

FERNANDA VIEIRA

LAIS SOUZA

CENA 1 – CLIPE DE ABERTURA – NOITE/EXTERNA – COM. DO MATO GROSSO

FADE IN

Início do documentário. Takes da apresentação pegando planos detalhes dos pés dos participantes no momento da música "Marchemos com pressa". GC inicial com o nome da comunidade e do município com fonte cursiva. Arte com o nome do documentário com elementos que caracterizam a representação cultural. Continua com a música de fundo.

FADE OUT

CENA 2 – NOITE/EXTERNA – COM. DO MATO GROSSO – CASA DE PEDRO

Abrindo o documentário tem-se a fala de MARIA DO CARMO, dona do terno, e mestra do presépio, explicando o que é a dança e a sua trajetória no presépio, simultânea a fala de JOSÉ PEREIRA, esposo da senhora Maria do Carmo, que também conta como conheceu a dança e o que o motiva a participar.

* Clipe de passagem: cenas da dança.

CENA 3 - DIA/EXTERNA - COM. MATO GROSSO - CASA DOS PARTICIPANTES.

Antigos participantes, Simão Mota, José Carlos de Souza e Maria Dalva Mota em primeiro plano, falam sobre a experiência que tiveram com o presépio, como eram as apresentações, as recordações dos momentos da festa. Nesta cena está o depoimento do participante mais antigo do presépio. Um primeiríssimo plano, no qual os participantes falam sobre o que o presépio representa para eles, encerra as falas.

CENA 4 - DIA/ EXTERNA - COMUNIDADE DO MATO GROSSO - CASA DE Pedro

Na sequência têm-se as falas, em primeiro plano, de ELVIS e FABIELE, que também irão participar da próxima edição da dança, contando o que os motivaram a fazer parte e quais as expectativas.

CENA 5 - DIA/ EXTERNA - COMUNIDADE DO MATO GROSSO - CASA DE PEDRO/CASA DE MARIA DO CARMO

Preparação para o presépio, mostrando em formato de vlog, como é organizado o espaço, as roupas.

CENA 6 - NOITE/EXTERNA - COM. MATO GROSSO - CASA DE PEDRO

A Apresentação. Mostrar os convidados. Plano geral pegando toda a dança. Plano detalhe dos músicos, das roupas e artigos coloridos e dos convidados.

CENA 7 - DIA/NOITE - EXTERNA - COM. MATO GROSSO -

Fala intercalada dos entrevistados sobre as dificuldades para manter a tradição do presépio nos dias atuais.

CENA 8 - DIA/INTERNA - UNEB - CONCEIÇÃO DO COITÉ

Depoimento do professor Rogério Costa sobre as mudanças e seus efeitos sobre os pequenos grupos culturais. Encerrando com takes da noite do presépio mostrando expressões de felicidade dos participantes, palmas dos convidados.

CENA 10 - NOITE/DIA - EXTERNA - COM. MATO GROSSO

Fala dos entrevistados sobre o que o presépio representa para eles intercalado com inserts da dança.

CENA 11 - DIA/ EXTERNA - COM. MATO GROSSO

Fabiely fazendo apelo aos jovens para não deixarem a tradição da comunidade ser esquecida.

CENA 12 - NOITE/EXTERNA - FINALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Fotos de Crianças de um a três anos, vestidas a caráter, brincando e batendo palmas durante a apresentação como inspiração para as próximas gerações. Finalizar com a cena da última pastorinha da apresentação.

FADE OUT

ANEXO 2

ROTEIRO DE DECUPAGEM – DOCUMENTÁRIO

IMAGEM	TEMPO	PERSONAGEM	DESCRIÇÃO
CENA 1 – CLIPE DE ABERTURA			
MVI_7622	Definir	Clipe de abertura	Marchemos com pressa

MVI_7627	Definir	Clipe de abertura	Marchemos com pressa
MVI_7628	Definir	Detalhe	Triângulos
MVI_7629	definir	Detalhe	Instrumentos

CENA 2			
MVI_9267	09"~22"	MARIA DO CARMO	Personagem fala o que é o presépio – fala inicial
AUDIO	01:03 ~ 01:16		
MVI_9267	05"~52"	MARIA DO CARMO	Conta como começou a dançar
AUDIO	13:35 ~ 14:23		
MVI_9263	16"~26"	JOSE PEREIRA	Fala o que é o Presépio
AUDIO	40" ~51"		
MVI_9263	08:41 ~ 09:43	JOSE PEREIRA	Fala o que o presépio representa e canta um pouco. Noite de natal
AUDIO	09:07 ~10:11		
MVI_9264	55"~ 01:17	JOSE PEREIRA	Cantando Marchemos com pressa.
AUDIO	13:27 ~ 13:52		

CENA 3			
DALVA (2)	COMPLETO	DALVA	Fala sobre o presépio, lembranças
MVI_9271	00:38~ 01:23	JOSÉ CARLOS	Fala como era o presépio, lembranças
MVI_9273	00:06~01:50	SIMÃO	
MVI_7710	Definir	SIMÃO	Simão tocando durante o presépio
MVI_7712	Definir	SIMÃO	Simão tocando durante o presépio
MVI_7720	Definir	PÚBLICO	Aplausos ao acompanhar a canção

CENA 4			
MVI_9811	57"~01:03	FABIELE	Apresentação da personagem
MVI_9811	01:27 ~01:46	FABIELE	Conta porque vai participar do presépio
MVI_9811	03:22~03:36	FABIELE	Expectativa para a apresentação
MVI_9811	04:12 ~04:30	FABIELE	Convidando os jovens para o presépio
MVI_9811	04:33 ~04:35	FABIELE	Continuação
MVI_9809	1:02 ~1:22	FABIELE	O que sente ao participar do presépio
AUD	03:25~03:47		
MVI_9809	01:41~02:08	FABIELE	O que gosta no presépio
AUD	04:06~04:32		
MVI_9809	02:26~03:16	FABIELE	Dificuldades para compor a equipe de pastorinhas
AUD	04:49~05:42		

MVI_9819	00:56~?? AUD 03:00~04:22 05:40~06:10 06:25~07:44	ELVIS	AUD 1: Fala dos músicos AUD 2: partes que mais gosta...reis, palhaço (00069) AUD 3: O que pensa a respeito da continuidade da tradição
----------	--	-------	--

CENA 5

MVI_9817	TODO	JOSÉ OLIVEIRA	Tocando Gaita na estrada
----------	------	---------------	--------------------------

CENA 6

DSC 0034	COMPLETO	CARMINHA	Objetos
DSC 0036	COMPLETO	CARMINHA	Arrumando a lapinha
DSC 0039	COMPLETO	CARMINHA	Pastoras se arrumando
MVI 7608	COMPLETO	CARMINHA	Pastoras se arrumando
DSC 0044	COMPLETO	CARMINHA	Lapinha
DSC 0043	COMPLETO	CARMINHA	Passando a fita

CENA 7 – CLIPE DANÇA PRESEPIO

00012	Analisar	PRESEPIO	Dança
00013	00:05~00:17	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00014	01:04 ~01:14	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00017	02:32 ~02:45	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00042	01:32 ~01:44	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00043	00:25~01:00	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00050	00:01~00:14	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00055	Analisar	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00069	Analisar	PRESEPIO	Reis
00071	00:49~00:58	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00078	Analisar	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
00086	Completo/analisar	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7615	00:13 ~00:19	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7622	Completo	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7643	Completo	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7641	00:08 ~00:17	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7710	00:02 ~00:08	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7707	00:07~00:12	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7744	Completo	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7725	Completo	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO
MVI 7761	00:17 ~00:24	PRESEPIO	APRESENTAÇÃO

CENA 8

MVI_9271	03:00 ~ 05:15	JOSÉ CARLOS	Falando da dificuldade de manter o
----------	---------------	-------------	------------------------------------

			presépio
FABYELE VIDEO	02:22~03:18	FABIELE	Falando da dificuldade de manter o presépio
DALVA (2)	02:30 ~04:58	DALVA	Fala sobre o esquecimento

CENA 9			
MVI_0304	01:03~3:30	ROGÉRIO	Fala sobre o presépio intercalando com imagens do evento
AUDIO	00:45''~03:13	ROGERIO	-
MVI_7642	-		Evento
MVI_7643	-		Evento
MVI_7648	-		Evento
MVI_7779	-		Evento

CENA 10			
MVI_9272	Avaliar	JOSE CARLOS	Falando o que o Presépio representa para ele.
MVI_9274	00:59~01:53	SIMÃO	Falando o que o Presépio representa para ele.
DALVA (1)	Completo	DALVA	Fala o que representa e canta

CENA 11 – CLIPE ENCERRAMENTO			
DSC_0016	-		PÚBLICO
MVI_7707	-		DANÇA
PASSAGEM	-		DANÇA
MG_7682	-		FOTO CRIANÇA